

REFLEXÃO DA HISTORIOGRAFIA AFRICANA: COMPREENSÃO DOS CONTOS E LENDAS DA CRIAÇÃO

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a construção historiográfica da África ao longo do tempo, através dos contos e lendas contados por meio de uma linguagem oral. Essa análise dispõe aos interessados a história da África em todos os seus aspectos e não apenas a visão ocidental. Além disso, faz uma explanação sobre a mitologia como construção da história, ressaltando as características, os tipos, as entidades míticas do mundo e, particularmente, da África.

Palavras-chaves: Historiografia da África. Contos e lendas. Cultura africana

ABSTRACT

The objective of this article is to reflect upon the historiographical construction of Africa over time, through the legends and tales told by oral language. This analysis provides the interested an African history in all its aspects and not only through a western point of view. Furthermore, an explanation is presented about the mythology as a history builder, emphasizing the characteristics, the types, the mystic entities of the world and, particularly, of Africa.

Keywords: Historiography of Africa. Tales and legends. African Culture

¹ Professor de Pré-história e História Econômica Geral da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), Doutorado Profissional e Livre em Filosofia da Educação Teológica, Centro Avançado de Ensino, Educação e Cultura (UNICAEEC), Mestre em Teologia Histórica pela FATER/UEPB, Especialização em Educação pela UFPB (Universidade Federal da Paraíba), Graduado em Licenciatura Plena em História pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), Graduado em Bacharel em Arqueologia Bíblica, Faculdade de Teologia e Filosofia Fides Reformata (FATEFFIR). Coordenador Adjunto do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Coordenado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Coordenador do Núcleo de Estudos Pré-históricos (NUEPH) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Residente na Rua: Inácio Marques da Silva, 98, Bairro: Catolé, Campina Grande - PB, CEP. 58.410.143, Telefone: (83) 3337-2054, e-mail: matusala@terra.com.br

INTRODUÇÃO

A historiografia da África é tão antiga quanto o início da história escrita. Precedendo até mesmo historiadores e estudiosos, a África possui um conjunto de contos e lendas que mostram a trajetória da existência e criação do continente africano.

A cultura africana constitui sua história através da linguagem secreta dos homens-leões e das mulheres-elefantes, das antigas sabedorias dos povos africanos transmitidas de geração a geração através de tradições orais, e ensinadas como lições de vida ou cantadas em praça pública pelos *griots* (músicos e poetas da África Ocidental que conservam e transmitem a memória oral). As histórias que compõem a literatura oral das diversas nações africanas estão guardadas no imaginário de homens e mulheres e percorrem os diferentes rincões do continente.²

São histórias de caçadores e agricultores, bruxas e feiticeiros, reis e princesas, de heróis, e narrativas míticas que envolvem a fundação das cidades. São também histórias de pequenas ou grandes disputas entre marido e mulher, histórias de amor e de morte, lendas de comunhão com os segredos da natureza e da terra.

O presente trabalho objetiva apresentar uma explanação sobre a história da África, contada através de contos, lendas, mitos, explorando sua riqueza simbólica e destacando sua função conciliadora na construção de uma história africana.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A historiografia da África teve que desenvolver uma série de novos instrumentos e técnicas para abordar as novas questões com as quais os historiadores passaram a se defrontar. O racionalismo surgido no século XVI acalentou a ideia equivocada de alguns estudiosos sobre a África, seus povos bem como sua cultura. Tais erros conceituais, a partir da metade do século XIX, dominaram o pensamento ocidental, classificando os africanos como “seres” sem cultura e incapazes de produzir história.³ Além do mais, o racionalismo formulou princípios políticos, éticos e morais que embasaram toda a mentalidade colonialista, legitimando a escravidão.

² PINGUILLY, Yves. **Contos e lendas da África**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

³ GIORDANI, Mário Curtis. **História da África**: anterior aos descobrimentos. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

Hernandez⁴ afirma que a África, na visão da literatura moderna, é apresentada como sendo um Estado onde apenas a selvageria e a natureza predominam, sendo incapaz de produzir cultura e história. O africano subsaariano, por exemplo, é visto como sujeito sem “vontade racional”, incapaz de transformar a realidade de acordo com critérios “racionais”.

Entretanto, a história africana deve ser vista não só na comprovação de fatos temporais, mas levando-se em conta a linguagem de um povo que descreve sua história através de contos, lendas, mitos criados de uma África cheia de personagens ilustrativos,

Por sua vez, a história ocidental (baseada em fontes escritas) não concebe que povos sem escrita possuam história. Despreza-se o fato de que tais povos são maioria em uma África onde a tradição oral é a fonte primordial.

De acordo com Hernandez,⁵ podem dividir as tradições orais em dois grupos, quanto aos transmissores: os *tradicionalistas* e os *griôs*.

OS TRADICIONALISTAS

Segundo a autora, os *tradicionalistas* são considerados a “elite” de guardiões da palavra. Eles mantêm ligação com o divino e suas revelações são fidedignas. São portadores da gênese do cosmo, e da criação.

Considerados os grandes depositários da herança oral da história da África pré-colonial, os tradicionalistas são conhecidos de diversas maneiras nas diferentes regiões africanas. Em Bandara, por exemplo, são conhecidos como *Doma* ou *Soma*, os *Conhecedores* ou *Donikeba*, que significa fazedores de conhecimento. Na região de Fulani são conhecidos como *Silatigui*, *Gando* ou *Tchiorinke*, palavras que possuem o mesmo sentido de ‘conhecedor’. Os tradicionalistas podem ser mestres iniciados (e iniciadores) de um ramo tradicional específico ou possuir o conhecimento total da tradição em todos os seus aspectos.⁶

Assim, a relação entre o homem e a palavra é mais intensa na tradição oral. Atribui-se um valor sagrado à palavra. Sua origem é divina. A fala é um dom, não podendo ser utilizada de forma imprudente, leviana, sem critério. Ela tem o poder de criar, mas também o de conservar e destruir. Uma única palavra pode causar uma guerra ou proporcionar

⁴ HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula** - visita à história contemporânea. São Paulo: Editora Selo Negro, 2008.

⁵ Ibid.

⁶ GIORDANI, Mário Curtis. **História da África**: anterior aos descobrimentos. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

a paz.⁷

Há ainda alguns ofícios (trabalhos) existentes nas sociedades africanas que estão relacionados à tradição oral, a um conhecimento sagrado que deve ser revelado e transmitido às futuras gerações. São exemplos os ferreiros, carpinteiros, tecelões, caçadores e agricultores. Os mestres realizam essas atividades ao mesmo tempo em que entoam cantos ou palavras ritmadas e gestos que representam o ato da criação.⁸

O aprendizado de um tradicionalista se dá nas escolas de iniciação e no meio familiar, onde pai, mãe e os parentes mais velhos também são responsáveis pelos ensinamentos, transmitindo suas próprias experiências, lendas, fábulas, provérbios e mitos sobre a criação do mundo.⁹ Percebe-se com isto que os idosos, em grande parte das sociedades africanas, desempenham um papel importante na transmissão de valores.¹⁰

Vale salientar que na visão *tradicionalista* é a mitologia que insere o iniciado na grande história da vida. Além disso, há uma história cosmológica, no interior da qual há uma história de vida, onde finalmente pode ser encontrada a própria história individual.

OS GRIOTS

Os *griots*, ou animadores públicos, também são responsáveis pela história, através da música, da poesia e dos contos. Existem *griots* músicos, tocadores de instrumentos, compositores e cantores; *griots* embaixadores, mediadores em casos de desentendimentos entre famílias e os *griots* historiadores, poetas, genealogistas.¹¹

Segundo Hernandes os *griots* são trovadores, menestréis, contadores de histórias e animadores públicos para os quais a disciplina da verdade perde rigidez, sendo-lhe facultada uma linguagem mais livre. Sua função é também o desenvolvimento extraordinário de estruturas de mediação que restabelecem a comunicação em uma sociedade onde as relações sociais parecem todas marcadas por considerações de hierarquia, autoridade, etiqueta, deferência e reverência.

Os *griots* são de certa forma livres da rigidez tradicional, utilizando a linguagem oral apenas para transmitir os fatos históricos acontecidos.

⁷ MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

¹¹ O termo *Genealogista* se refere ao profissional do ramo da genealogia, isto é, aquele que trabalha a origem das famílias. Ver MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

Eles usam a dança, coreografias e música para contar os grandes feitos dos heróis e a origem do mundo.¹²

Segundo Barcellos,¹³ os *griots* genealogistas, especializados em histórias de famílias e geralmente dotados de memória prodigiosa, tornaram-se, naturalmente, os arquivistas da sociedade africana e, ocasionalmente, grandes historiadores.

Todavia, segundo Mattos,¹⁴ um *griot* pode também ser um *doma* tradicionalista. Neste caso o *griot* constitui uma fonte de informações de absoluta confiança, pois sua qualidade de iniciado lhe confere um alto valor moral e o sujeita à proibição da mentira.

REPENSANDO A HISTÓRIA DA ÁFRICA

A história da África passou a ser inserida na órbita europeia por via da conquista, exploração e colonização.¹⁵ No entanto, são comuns as distorções, simplificações e generalizações da história africana e de sua população.

Neste contexto, em meados do séc. XX, a historiografia da África foi tratada de forma crítica, questionando-se toda a literatura ocidental sobre ela. Constatou-se que a história africana (ao menos antes do contato com o mundo ocidental e em particular antes da colonização). Não pode ser compreendida tomando-se como referência a organização dominante adotada pelas sociedades ocidentais.

Vale ressaltar que, séculos antes da chegada dos europeus, a África foi o berço de grandes reinos, como o do Mali, do Congo, entre outros. Sem mencionar ainda o Egito, que a ideologia etnocêntrica europeia classifica como cultura mediterrânea.

A descoberta dos manuscritos de Timbuktu dá à África subsaariana o substrato histórico que lhe foi negado durante muito tempo e do qual se percebe cada vez mais a relevância. Através dos trabalhos de um grande historiador senegalês, o xeque Anta Diop, destaca-se a profundidade espiritual da África pré-colonial, mostra-se também que a

¹² MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

¹³ BARCELLOS, Daisy M. **Etnografia, Educação e relações raciais**. Porto Alegre/ UFRS Mimeo 8 Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução no 1.2004

¹⁴ MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

¹⁵ MACEDO, José Rivair. **Os herdeiros de Cam: representações da África e dos africanos no Ocidente Medieval**. SIGNUM: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais, volume 3, 2001.

riqueza dessa região foi construída ao redor de uma dinâmica comercial “trans-tribal” da qual o Islã foi o desencadeador, e os ulemás, por sua aptidão para o ensino de “massa”, os realizadores.

A palavra Timbuktu significa a “cidade santa”, a “misteriosa”, a “inacessível”. Esta cidade, que fascinou tantos exploradores – do escocês Mongo Park ao francês René Caillié e o alemão Heinrich Barth – é uma fabulosa cidade de areia situada no nordeste do atual Mali, nos confins do sul do imenso deserto do Saara, e um pouco afastada da margem esquerda do rio Níger.

Os manuscritos de Timbuktu agregam grande profundidade ao entendimento da diversidade histórica e de civilizações da África. Porém, apesar do aumento de pesquisas sobre o chamado continente negro, o mesmo ainda é vítima de uma abordagem escolar carregada de ignorância e preconceito, da qual recebeu uma imagem estigmatizada, construída por impressões sempre pejorativas e, muitas vezes, equivocadas.

No século XIX, as crenças científicas, oriundas das concepções do Darwinismo Social e do Determinismo Racial, alocaram os africanos nos últimos degraus da evolução das “raças” humanas. Infantis, primitivos, tribais, incapazes de aprender ou evoluir, os africanos deveriam receber a benfazeja ajuda europeia, por meio das intervenções imperialistas no Continente. Neste mesmo período, o pensamento histórico passa por (re)adequações, surgindo uma espécie de história científica.

No Brasil, a história da África é assegurada por lei. Hernandez,¹⁶ em sua obra “África em sala de aula” se refere à Lei nº 10.639/2003, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

A Lei nº 10.639/2003 diz:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.¹⁷

¹⁶ HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula** - visita à história contemporânea. São Paulo: Editora Selo Negro, 2008.

¹⁷ BRASIL. Lei n.10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de

Todavia, apesar de a história africana estar inserida no currículo pedagógico das escolas, é necessário quebrar o ciclo vicioso de opiniões de estudiosos e pesquisadores ocidentais.

A NECESSIDADE DO MITO PARA A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

O mito está diretamente ligado à necessidade do ser humano de transcender através da sua espiritualidade, de suas crenças, de sua fé. O mito surge então como guia, como exemplo, que acalma os “espíritos” mais descontentes, ajudando-os a se adaptarem à sua realidade.

Nesse aspecto, a história está repleta de fatos que são ilustrados através de diversas figuras, fábulas, etc. Essa prática é de grande importância na comunicação humana e o mito, analisando-se por este viés, corresponde a um método milenar que dá sentido ao desconhecido. Assim, devido à sua natureza simbólica, o mito está relacionado com questões de linguagem e também da vida social do homem, uma vez que a narração dos mitos é própria de uma comunidade e de uma tradição comum, embora não se tenha conseguido definir a natureza precisa dessas relações.¹⁸

Alguns linguistas admitem explicitamente a necessidade de uma ciência mais abrangente, como, por exemplo, uma nova ciência geral da semiologia, cuja tarefa seria estudar todos os signos essenciais à vida social, e uma nova psicologia, que caracterizaria inicialmente vários sistemas do conhecimento e da crença humanos. O estudo da sociedade e da linguagem pode começar apenas com os elementos fornecidos pela fala e pelas relações sociais humanas, mas em cada caso esse estudo se confronta com uma coerência de tradições que não está diretamente aberta à pesquisa. Essa é a área em que atua a mitologia.

Em sua teoria, Jung¹⁹ afirma que devemos sempre estar ligados aos mitos para encontrar a nossa felicidade, pois neles estão as onipotentes imagens primordiais. Por sua vez Campbell²⁰ afirma que muitas histórias mitológicas conservam-se na mente das pessoas, dando uma certa perspectiva daquilo que acontecia em suas vidas.

dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p.1, 10 jan.2003. p. 34

¹⁸ FRAGOSO, Vítor. **O Mito, uma necessidade do Homem?** Lisboa: ISMAI, 2005.

¹⁹ Autor citado por: FREUND, Phlip. **Mitos da Criação: as origens do universo nas religiões, na mitologia, na psicologia e na ciência.** São Paulo: Cultrix, 2008.

²⁰ CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito.** 10. Ed. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2000.

Essas informações provenientes de tempos antigos têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, construíram civilizações e formaram religiões através dos séculos, e têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da nossa travessia pela vida [...]²¹

Portanto, o mito só fala daquilo que realmente aconteceu, do que se manifestou, sendo as suas personagens principais seres sobrenaturais, conhecidos devido àquilo que fizeram no tempo dos primórdios. Os mitos revelam a sua atividade criadora e mostram a “sobrenaturalidade” ou a sacralidade das suas obras. Em suma, os mitos revelam e descrevem as diversas e frequentemente dramáticas eclosões do sagrado ou sobrenatural no mundo, conforme se pode perceber na fala abaixo:²²

O mito é considerado como uma história sagrada, e, portanto, uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades. O mito cosmogônico é verdadeiro porque a existência do mundo está aí para o provar, o mito da origem da morte é também verdadeiro porque a mortalidade do homem prova-o [...] e pelo fato de o mito relatar as gestas dos seres sobrenaturais e manifestações dos seus poderes sagrados, ele torna-se o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas.²³

Assim, pode-se afirmar que o mito revela-se naquilo que os seres humanos têm em comum. Segundo Campbell,²⁴ eles são histórias da nossa vida, da nossa busca da verdade, da busca do sentido de estarmos vivos. Os mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana, daquilo que somos capazes de conhecer e experimentar interiormente. O mito é o relato da experiência da vida. Eles ensinam que nós podemos voltar-nos para dentro.

AS CARACTERÍSTICAS DO MITO

A narração mitológica envolve basicamente acontecimentos supostos, relativos a épocas primordiais e ocorridos antes do surgimento do homem (história dos deuses) ou com os “primeiros” homens (história ancestral). O verdadeiro objeto do mito, contudo, não são os deuses nem os ancestrais, mas a apresentação de um conjunto de ocorrências fabulosas com que se procura dar sentido ao mundo. O mito aparece e funciona como mediação simbólica entre o sagrado e o profano, condição

²¹ Ibid., p. 37

²² FRAGOSO, Vítor. **O Mito, uma necessidade do Homem?** Lisboa: ISMAI, 2005.

²³ ELIADE, M. **Aspectos do mito.** Lisboa: Edições70, 2000. p. 12-13

²⁴ CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito.** 10. Ed. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2000.

necessária à ordem do mundo e às relações entre os seres. Sob sua forma principal, o mito é cosmogônico ou escatológico, tendo o homem como ponto de intersecção entre o estado primordial da realidade e sua transformação última, dentro do ciclo permanente nascimento-morte, origem e fim do mundo.²⁵

As semelhanças com a religião mostram que o mito se refere, ao menos em seus níveis mais profundos, a temas e interesses que transcendem à experiência imediata, ao senso comum e à razão: Deus, a origem, o bem e o mal, o comportamento ético e a escatologia (destino último do mundo e da humanidade). Segundo Fragoso,²⁶ crê-se no mito, sem necessidade ou possibilidade de demonstração.

TIPOS DE MITO

Segundo Fragoso,²⁷ há dois tipos de mitos, os cosmogônicos e os escatológicos. Os mitos cosmogônicos são aqueles que respondem a nossas grandes interrogações, como, por exemplo, a origem da humanidade. As explicações oferecidas por esses mitos podem ser reduzidas a alguns poucos modelos, elaborados por diferentes povos.

É comum encontrar nas várias mitologias a figura de um criador, um demiurgo que, por ato próprio e autônomo, estabeleceu ou fundou o mundo em sua forma atual. Os mitos desse tipo costumam mencionar uma matéria preexistente a toda a criação: “o oceano, o caos ou a terra”.²⁸ A água apresenta-se como elemento primordial mais frequente das cosmogonias, sobretudo, nas mitologias asiáticas e da América do Norte.²⁹

Os mitos escatológicos são aqueles que, além da preocupação com o enigma da origem, buscam explicar o mistério da morte individual, associada ao temor da extinção de todo o povo e mesmo do desaparecimento do universo inteiro.

Para a mitologia, a morte não aparece como fato natural, mas como elemento estranho à criação original, algo que necessita de uma justificação, de uma solução em outro plano de realidade. Três explicações predominam nas diversas mitologias. Há mitos que falam de um tempo primordial em que a morte não existia e contam como ela sobreveio por efeito de um erro, de castigo ou para evitar a superpopulação. Outros mitos, geralmente presentes em tradições culturais mais elaboradas, fazem referência à condição original do homem como ser

²⁵ FRAGOSO, Vítor. **O Mito, uma necessidade do Homem?** Lisboa: ISMAI, 2005.

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid.

imortal e habitante de um paraíso terreno, e apresentam a perda dessa condição e a expulsão do paraíso como tragédia especificamente humana. Por fim, há o modelo mítico que vincula a morte à sexualidade e ao nascimento, analogamente às etapas do ciclo de vida vegetal, e que talvez tenha surgido em povos agrícolas.³⁰

Destruição escatológica - Os mitos retratam frequentemente o fim do mundo como uma grande destruição, de natureza bélica ou cósmica. Antes da destruição, surge um messias (“ungido”) ou salvador, que resgata os eleitos por Deus. Esse salvador pode ser o próprio ancestral do povo ou fundador da sociedade, que empreende uma batalha final contra as forças do mal e, após a vitória, inaugura um novo estágio da criação, um novo céu e uma nova terra.³¹

Exemplo típico de mito de destruição são as narrativas a respeito de grandes inundações. É bastante conhecido o episódio do Antigo Testamento que descreve um dilúvio e o apresenta como castigo de Deus à humanidade. Esse tema tem origens mais remotas e provém de mitos mesopotâmicos.

MITOS SOBRE O TEMPO E A ETERNIDADE

Os corpos celestes sempre atraíram a curiosidade e o interesse humano, em todas as culturas. A regularidade e precisão inalteráveis do movimento dos astros foram com certeza uma imagem poderosa na formação de uma ideia de “tempo transcendente”, concebido como eternidade, em contraste com o mundo de incessantes alterações e os acontecimentos inesperados vividos no tempo terreno. O retorno cíclico dos fenômenos siderais e de processos naturais terrestres projetou-se, em algumas culturas, na concepção cíclica do tempo.³²

Nas escrituras hinduístas e budistas, elaborou-se um complexo sistema de mundos que desaparecem e ressurgem, sempre num total de quatro. Essa concepção cíclica determinou a adaptação de relatos védicos anteriores e o desenvolvimento de uma doutrina que explica a formação e absorção periódicas do universo como fases de atividade e repouso de energia. Os ascetas e os maias acreditavam que o mundo atual havia sido precedido de outros quatro, o último dos quais teria sido destruído por um cataclismo; ambos os povos desenvolveram um complicado calendário, a cujo estudo se dedicavam vários sacerdotes astrônomos.³³

³⁰ Ibid.

³¹ Ibid.

³² ELIADE, M. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições70, 2000.

³³ FRAGOSO, Vítor. **O Mito, uma necessidade do Homem?** Lisboa: ISMAI, 2005.

A concepção linear e progressiva de tempo (oposta à repetição cíclica) é característica das chamadas religiões históricas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, as quais afirmam a intervenção de Deus na história, num acontecimento único e irrepetível, e a existência de uma meta final de salvação da humanidade.

MITOS DE TRANSFORMAÇÃO E DE TRANSIÇÃO

Há vários mitos que narram mudanças cósmicas, produzidas ao término de um tempo primordial anterior à existência humana e graças às quais teriam surgido condições favoráveis à formação de um mundo habitável. Outras grandes transformações e inovações, como a descoberta do fogo e da agricultura, estão associadas aos mitos dos grandes fundadores culturais. Nos mitos, são frequentes as transformações temporárias ou definitivas dos personagens, seja em outras figuras humanas ou em animais, plantas, astros, rochas e outros elementos da natureza.³⁴

As mudanças e transformações que se dão nos momentos críticos da vida individual e social são objeto de particular interesse mitológico e ritual: nascimento, ingresso na vida adulta, casamento, morte são interpretados como atualizações de processos cósmicos ou de realidades míticas.³⁵

MITO E RELIGIÃO

Alguns especialistas atribuem importância especial ao contexto religioso do mito. Com efeito, são muito frequentes os mitos que versam sobre a origem dos deuses e do mundo (chamados, respectivamente, mitos teogônicos e cosmogônicos), dos homens, de determinados ritos religiosos, de preceitos morais, tabus, pecados e redenção.³⁶ Em certas religiões, os mitos formam um corpo doutrinal e estão estreitamente relacionados com os rituais religiosos -- o que levou alguns autores a considerar que a origem e a função dos mitos é explicar os rituais religiosos. Mas tal hipótese não foi universalmente aceita, por não esclarecer a formação dos rituais e porque existem mitos que não correspondem a um ritual.

Mito e religião traduzem, numa linguagem plástica (isto é, em descrições e narrações), uma realidade que transcende o senso comum e a racionalidade humana e que, portanto, não cabe em meros conceitos analíticos. Do ponto de vista do estudo da mitologia e da religião, não

³⁴ Ibid.

³⁵ FREUND, Phlip. **Mitos da Criação**: as origens do universo nas religiões, na mitologia, na psicologia e na ciência. São Paulo: Cultrix, 2008.

³⁶ ELIADE, M. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições70, 2000. p. 12-13

é importante que Prometeu não tenha sido realmente acorrentado a um rochedo com um abutre a comer-lhe as entranhas, nem que Deus não tenha criado o ser humano a partir do barro. Religião e mito diferem, não quanto à verdade ou falsidade daquilo que narram, mas quanto ao tipo de mensagem que transmitem.³⁷

A mensagem religiosa geralmente exige determinado comportamento perante Deus, o sagrado e os homens, e é, muitas vezes, formulada de forma compatível com conceitos racionais e em doutrinas sistematizadas. O mito abrange maior amplitude de mensagens, desde atitudes antropológicas muito imprecisas, até conteúdos religiosos, pré-científicos, tribais, folclóricos ou simplesmente anedóticos, que são aceitos e formulados de modo menos consciente e deliberado, mais espontâneo, sem considerações críticas.

MITO E SOCIEDADE

Como forma de comunicação humana, o mito está obviamente relacionado com questões de linguagem e também da vida social do homem, uma vez que a narração dos mitos é própria de uma comunidade e de uma tradição comum. Não se conseguiu definir, no entanto, a natureza precisa dessas relações. O estudo da sociedade e da linguagem pode começar apenas com os elementos fornecidos pela fala e pelas relações sociais humanas, mas em cada caso esse estudo se confronta com uma coerência de tradições que não está diretamente aberta à pesquisa. Essa é a área em que atua a mitologia.³⁸

Algumas concepções mitológicas podem exemplificar a complexidade e a variedade das relações entre mito e sociedade. A tribo lugbara (do noroeste de Uganda e do Congo) utiliza um sistema conceptual para relacionar sua ordem sociopolítica a dois heróis ancestrais, relacionados, em contrapartida, à criação do universo. As narrações sobre a evolução da tribo a partir de seus heróis ancestrais são apresentadas na forma de saga, embora a “história” mais primitiva seja contada em mitos. É notável, porém, que o único esquema conceptual do sistema social dos lugbara relacione o passado mítico e o genealógico (não-mítico) e que, em seu conjunto, seja expresso mais em categorias espaciais do que histórico-temporais.³⁹

³⁷ FRAGOSO, Vítor. **O Mito, uma necessidade do Homem?** Lisboa: ISMAI, 2005.

³⁸ Ibid.

³⁹ Ibid.

MITO E PSICOLOGIA

Mais que uma recordação ancestral de situações históricas e culturais, ou uma elaboração fantasiosa sobre fatos reais, os mitos seriam, segundo a nova perspectiva proposta, uma expressão simbólica dos sentimentos e atitudes inconscientes de um povo, de forma perfeitamente análoga ao que são os sonhos na vida do indivíduo. Não foi por outra razão que Freud recorreu ao mito grego para dar nome ao complexo de Édipo: para ele, o mito do rei que mata o pai e casa com a própria mãe simboliza e manifesta a atração de caráter sexual que o filho, na primeira infância, sente pela mãe e o desejo de suplantar o pai.⁴⁰

Para Jung,⁴¹ os mitos seriam uma das manifestações dos arquétipos ou modelos que surgem do inconsciente coletivo da humanidade e que constituem a base da psique humana. A existência do inconsciente coletivo permite compreender a universalidade dos símbolos e dos mitos, pois que estes se revelam em todas as culturas e em todas as épocas de modo idêntico.

Assim, o papel dos Mitos é extremamente importante na constituição da cultura, independente do local que se originou – se pertence ou não a um povo – o mito contribuiu para o desenvolvimento individual e coletivo. Os mitos permitem a tomada de consciência sobre a vida instintiva, possuem a capacidade de gerar padrões de comportamento que garantem a evolução psicossocial.

Campbell⁴² afirma que:

Aquilo que os seres humanos têm em comum revela-se nos mitos. Eles são histórias da nossa vida, da nossa busca da verdade, da busca do sentido de estarmos vivos. Os mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana.

No processo de análise psíquica, eles são extremamente úteis como mecanismos de amplificação de focos psicológicos; principalmente, quando esses focos estão carregados de energia afetiva. Ou seja, o ser humano possui uma enorme dificuldade de perceber seus comportamentos, principalmente os não benéficos. Mesmo as pessoas autodepreciativas e a maioria dos comportamentos, de certa forma não apropriados, possuem um ganho secundário cujo benefício para o sujeito é da ordem do inconsciente. Isto vai se concentrando numa enorme carga afetiva que tende cada vez mais a aglomerar energia psíquica, podendo evoluir tanto, a ponto de criar um complexo afetivo. Independente de chegar a esse ponto, os mitos, por

⁴⁰ FREUND, Philip. **Mitos da Criação**: as origens do universo nas religiões, na mitologia, na psicologia e na ciência. São Paulo: Cultrix, 2008.

⁴¹ Citado: Ibid.

⁴² CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. 10. Ed. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2000. p. 37

serem expressão de arquétipos, permitem que o indivíduo se reveja neles (consciente ou inconscientemente), podendo remodelar as suas posturas.

O mito, devido à sua riqueza simbólica, quando corresponde a um comportamento serve para ampliar o conteúdo afetivo. Quando não facilita a percepção do que era inconsciente, pelo menos envolve o sujeito em outros parâmetros de comportamento, possibilitando uma reformulação das ações numa perspectiva de uma postura mais saudável de viver, ou apenas, amenizando o sofrimento.⁴³

A MITOLOGIA NA IDENTIFICAÇÃO DA CRIAÇÃO NA HISTÓRIA DA ÁFRICA

O estudo e interpretação do mito de uma determinada cultura são feitas através de uma narrativa fabulosa, referente a deuses que encarnam as forças da natureza.

Assim, a narração mítica conta, por exemplo, como começou o mundo, como foram criados os seres humanos e os animais e a origem de certos costumes e formas das atividades humanas. Quase todas as culturas possuem ou possuíram mitos algum dia e viveram de acordo com eles.

Os mitos diferenciam-se dos contos de fadas por se referir a um tempo diferente do tempo comum (contos tradicionais). A sequência do mito é extraordinária, desenvolvida num tempo anterior ao nascimento do mundo convencional.

Como os mitos se referem a um tempo e a um lugar extraordinários bem como a deuses e processos sobrenaturais, têm sido considerados aspectos da religião. Porém, como sua natureza é integradora, o mito pode iluminar muitos aspectos da vida individual e cultural. Tais mitos, segundo Silva,⁴⁴ possuem características comuns:

1. Criação por um ser supremo;
2. O ser supremo é onisciente e todo-poderoso;
3. O ato de criação é consciente, deliberado, planejado;
4. Criação por uma matéria primordial.
5. A divindade desaparece até que se produza algum acontecimento catastrófico; e
6. A criação é um paraíso que se desfaz por causa de um pecado.

⁴³ FRAGOSO, Vítor. **O Mito, uma necessidade do Homem?** Lisboa: ISMAI, 2005.

⁴⁴ SILVA, Rodrigo P. **Escavando a verdade: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

Prandi,⁴⁵ em sua pesquisa sobre os orixás da África, constata 301 mitos sobre Nanã, Xangô, Oxalá, Oxumaré, Ogum, entre outros, os quais descrevem a história da África. Segundo ele,⁴⁶ a mitologia africana da criação do homem pode ser contada da seguinte forma:

CRIAÇÃO DO HOMEM

Nanã fornece a lama para a modelagem do homem. Dizem que Olorum encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar o ser humano. O orixá tentou vários caminhos. Tentou fazer o homem de ar, não deu certo, se desvaneceu; tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura; de pedra a tentativa foi pior; fez de fogo e o homem se consumiu; tentou azeite, água e até vinho-de-palma, e nada.

Nanã Burucu veio em seu Socorro. Apontou para o fundo do lago de onde retirou uma porção da lama para Oxalá, o barro do fundo da lagoa onde Morava, que é Nanã. Oxalá criou o homem; modelou-o no barro; com o sopro de Olorum ele caminhou; com a ajuda dos orixás povoou a Terra, mas tem um dia que o homem morre e seu corpo tem que retornar à terra, voltar à natureza de Nanã Burucu; Nanã, quer de volta tudo o que é seu.

CRIAÇÃO DA TERRA E DO PRIMEIRO SER HUMANO

Nada existia além do ar. Olorum era uma massa infinita de ar. Quando começou a se mover, a respirar, uma parte do ar transformou-se em massa de água, originando Órinsànlá.

O ar e as águas moveram-se e uma parte transformou-se em lama, barro. Desse barro originou-se uma bolha, primeira matéria dotada de forma, avermelhada e lamacento.

Olorum admirou esta forma e SOPROU, sobre ela, o seu hálito, dando-lhe vida.

Nasceu, Olorum, Esu (Exu) o mensageiro, o proto-Exu, Esu-Yangi, o símbolo do elemento procriado.

Exu é o resultado do hálito divino, o elemento-origem da vida. Exu, como o primeiro ser criado é o portador do Axé, a energia dinâmica.

CRIAÇÃO POR UM SER SUPREMO

Na mitologia afro-brasileira, encontramos que o Órun e Oáiyé não estavam separados. Houve uma falta grave, a separação em decorrência desta falta

Em seguida, criou-se o Sánmo, o céu atmosfera, a consequência da separação do órun. Olórun, enraivecido, soprou o seu òfurufá, ar divino que, transformando-se em atmosfera constituiu o sánmo ou céu.

⁴⁵ PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁴⁶ Ibid.

A cabaça formada por duas metades unidas, dos “terreiros” do candomblé representa o órun e o àiyé – a representação do universo, da UNIDADE entre o órun e o àiyé: o TODO.⁴⁷

Como se observa, Prandi⁴⁸ parece consciente de que uma compilação de mitos dessa envergadura não apenas registra conhecimentos que até então existiam de forma dispersa, mas traz em si também o potencial de descontextualizar e formalizar versões dessa sabedoria mítica.

No entanto, segundo Ford,⁴⁹ a diferença entre as práticas ocidentais e africanas deve ser levada em conta na personificação dos mitos, principalmente no que diz respeito às divindades ou deidades entre a África e o Ocidente, pois no Ocidente vemos as divindades como realidades com atributos próprios, não como personificações de atributos encontrados na natureza ou em nós mesmos.

A esse respeito Fort (1999, p.205) afirma que:

[...] no Ocidente falamos de um deus piedoso, um ser que demonstra compaixão, enquanto na sabedoria mítica da África fala-se de um deus da compaixão, a personificação de um poder (nesse caso, a compaixão) que motiva toda forma de vida, inclusive a nossa.

Desta forma, existem maneiras diferentes de considerar a divindade e interpretar a mitologia. Pois, quando as deidades são consideradas fatos, as narrativas sobre elas são compreendidas historicamente, mas quando as deidades são vistas como personificações de forças básicas da natureza e de nós mesmos, as narrativas sobre elas são compreendidas simbolicamente.⁵⁰

Sendo assim, na cultura mitológica da África, os deuses são conhecidos como Orixás, eles são considerados antepassados espirituais. Segundo a cultura africana, cada um de nós tem um Orixá, um pai que rege nossa cabeça e nossa vida e alcançaram a divindade através de atos extraordinários que praticaram, passando a se manifestar como forças da natureza.⁵¹

Nesse aspecto, há na mitologia africana, assim como em toda mitologia, um deus supremo (Olodumaré), o qual criou os orixás (deuses) para governarem e supervisionarem o mundo. O orixá é uma força pura e imaterial, a qual só se torna perceptível aos seres humanos manifes-

⁴⁷ Ibid., p. 196-210.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ FORD, Clyde W. **O herói com rosto africano: mitos da África**. São Paulo: Summus, 1999.

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Ibid.

tando-se em um deles. O ser escolhido pelo orixá, um de seus descendentes, é chamado seu elégùn, o veículo que permite ao orixá voltar à terra para saudar e receber as provas de respeito de seus descendentes que o evocaram.⁵²

A mitologia africana mais conhecida é a de Yoruba, onde se encontra a gênese de religiões como a Santeria, Catimbó, Omulukó, Candomblé (e suas vertentes), Umbanda (e suas vertentes), Quimbanda e muitas mais. O que a todas é comum é o culto pelos orixás. O que diverge entre elas é a maneira de fazer esse culto. São elencados os mitos africanos a seguir: Exu, Ogum, Oxóssi, Logunedé, Xangô, Xapanã (Obaluaíyê/Omolu), Oxumarê, Ossaim, Oyá ou Iansã, Oxum, Iemanjá ou Yemanjá, Nanã, Yewá, Obá, Iansã, Ibeji, Iroko, Egungun, Iyami-Ajé, Onilé, Orixá Ifá ou Orunmila-Ifa, Odudua, Baiãni, Olokun, Olosa, Oxalufon, Oxaguian, Oko.⁵³

Há também outra característica na mitologia histórica da África. Trata-se da tradição das máscaras e das esculturas em madeira, as quais têm forma angulosa, assimétrica e distorcida, uma forma não-realista, obviamente para expressar, com efeito dramático, que os objetos abrigam espíritos poderosos; nada de aparência real, mas formas verticais e membros do corpo alongados.⁵⁴ Tais objetos constituíam-se como sagrados na cultura africana com poderes sobrenaturais, pois acreditavam que poderiam atrair a destruição ou distribuir bênçãos.⁵⁵

CONCLUSÃO

Apresentamos tradições de lendas, e contos através dos mitos na historiografia cultural da África. Através dos mitos vindos de uma mesma raiz histórica, a saber, a Tradição Adâmica, pode-se estudar melhor a criação da Terra e do primeiro ser humano (Adão).

Assim, o mito se destaca como um fenômeno cultural complexo que pode ser encarado de vários pontos de vista. Pode-se considerar que a criação do mito contribui para satisfazer a necessidade espiritual de sobrevivência das civilizações, e a narração de sua história descreve e retrata, em linguagem simbólica, a origem dos elementos e postulados básicos de uma cultura.

⁵² FREITAS, Newton. **A mitologia africana**. 2007. Disponível em: <<http://www.newton.freitas.nom.br/artigos.asp?cod=160>>. Acesso em: 10 nov 2010.

⁵³ LINDEMANS, M. F. **Mitologia africana, mitos e lendas africanas**. 2009. Disponível em: <<http://www.pantheon.org/areas/mythology/africa/african/articles.html>>. Acesso em: 10 nov 2010.

⁵⁴ FREITAS, Newton. **A mitologia africana**. 2007. Disponível em: <<http://www.newton.freitas.nom.br/artigos.asp?cod=160>>. Acesso em: 10 nov 2010.

⁵⁵ Ibid.

No entanto, ao longo do tempo, à medida que os descendentes africanos de Adão mergulhavam no politeísmo, foi-se perdendo de vista o aspecto monoteísta de Deus, que vinha desde o Éden.

Assim, discutir cultura e religiosidade africanas em uma realidade cuja fé judaico-cristã e o eurocentrismo predominam torna-se um desafio. Ressalta-se, no entanto, que a civilização negra africana procede de uma visão unitária do mundo. Nenhum domínio é autônomo. O mesmo espírito anima e liga a filosofia, a religião, a sociedade e a arte negra africana. As artes na África Negra estão interligadas: o poema à música, a música à dança. Os africanos narram à sua maneira, um fato que realmente aconteceu e ficou marcado por muitas gerações, na memória dos povos.

Os atores que narram a história da África são conhecidos como *tradicionalistas* e são considerados a “elite” de guardiões da palavra. Há também os *griots* que apresentam a história através da música, trova, dança etc.

Portanto, é preciso abordar a questão da historiografia e da cultura da África não de modo parcial, focada apenas na escravidão, na pobreza, no sofrimento, mas resgatando os valores culturais dos seus contos e lendas, através de sua mitologia e o significado da contribuição dos africanos para o mundo moderno.